



ECONOMIA

Por **FABIANO BELLATI**

Fabiano Bellati é comentarista de Economia e Política Internacional, Mestre em Relações internacionais e Estudos Europeus pela Universidade de Évora em Portugal, Mestre em Administração de Empresas pelo Unisal, escritor e consultor. Como professor Universitário passou pelas principais universidades brasileiras nas áreas de gestão, economia e marketing.

Crise no Federal Reserve e Guerra Tarifária: A Luta de Trump para Restaurar a Soberania Econômica dos EUA

As recentes turbulências no mercado global não representam fraqueza, mas sim o preço necessário a ser pago por uma mudança de rota há muito tempo adiada: a reconstrução da autonomia produtiva americana.

Instabilidade no Fed e o resgate da autoridade presidencial

O ex-presidente Donald J. Trump após declarar que considera substituir o atual presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, por um nome que “realmente compreenda as necessidades da América real”. A declaração, feita durante um comício em Tampa, reacendeu o debate sobre a independência do banco central. Mas, sob a ótica republicana, essa interferência não é uma ameaça, e sim uma retomada do controle legítimo do povo americano sobre suas instituições financeiras.

Segundo a Reuters (21/04/2025), o índice do dólar (DXY) caiu para 98,267, enquanto o euro e o iene subiram, refletindo a inquietação dos mercados. Mas como afirmou Larry Kudlow, ex-assessor econômico da Casa Branca, à Fox Business: “O mercado está reagindo a uma possível cura de longo prazo, não a uma doença. Trump quer um Fed que pense nos trabalhadores americanos, não só em Wall Street.”

A guerra tarifária como catalisador da independência industrial

A guerra comercial com a China não é, para os republicanos, um erro estratégico, mas uma correção histórica. A dependência excessiva dos EUA de produtos chineses — que representam mais de 16% de todas as importações americanas segundo o U.S. Census Bureau — é considerada uma vulnerabilidade crítica à segurança econômica nacional.

Em seu pronunciamento de março, Trump disse:



“Por décadas, entregamos nossa capacidade de produção aos comunistas chineses em troca de bugigangas baratas. Agora, estamos dizendo: basta.”

Tarifas de até 25% foram reativadas sobre cerca de US\$ 300 bilhões em produtos chineses, atingindo setores como semicondutores, baterias e equipamentos médicos.

O impacto imediato foi sentido no Índice de Preços ao Consumidor (CPI), que subiu 0,4% em março e já acumula alta de 4,8% nos últimos 12 meses, segundo o Bureau of Labor Statistics.

Desabastecimento? Ou oportunidade de reconstrução interna?

Enquanto críticos falam em desabastecimento iminente, republicanos enxergam uma janela histórica para reconstruir a indústria nacional. De acordo com a Associação Nacional de Fabricantes (NAM), mais de 420 fábricas foram reativadas ou reinauguradas nos EUA desde o início da nova política tarifária.

Incentivos fiscais, parcerias público-privadas e apoio a pequenas indústrias têm gerado cerca de 120 mil novos empregos no setor industrial desde janeiro de 2024.

Os EUA estão minando as bases do comércio global”

De Wang Wentao, ministro chinês do Comércio

Colapso industrial na China: o custo da guerra para Pequim

Do outro lado do mundo, a resposta foi devastadora. Segundo o Ministério do Comércio da China, mais de 2.000 pequenas e médias indústrias exportadoras fecharam entre fevereiro e março de 2025. A produção industrial recuou 2,3%, conforme dados da Agência Nacional de Estatísticas da China, com destaque para quedas nos setores de vestuário, componentes eletrônicos e bens intermediários.

Wang Wentao, ministro chinês do Comércio, afirmou em Pequim: “Os EUA estão minando as bases do comércio global.” A resposta de Trump, via Truth Social, foi direta: “Estamos minando sua hegemonia, não o comércio.”

Impactos no Brasil: ajuste

commodities brasileiras — especialmente soja, minério de ferro e carne bovina — fez com que o superávit comercial do Brasil recuasse 8% em março, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Além disso, a instabilidade global levou o dólar a ultrapassar R\$ 5,40, elevando custos de importação e pressionando a inflação interna.

Contudo, setores como o agroindustrial e o farmacêutico veem oportunidades de estreitar laços com os EUA como alternativa de mercado. Segundo a CNI, há negociações em andamento para ampliar exportações brasileiras ao mercado norte-americano, inclusive em setores antes dominados pela China.

Sob a ótica republicana,

os acontecimentos recentes não devem ser vistos como uma crise, mas como uma travessia. O próprio Trump tem reforçado que a América precisa de medidas duras para sair do ciclo de submissão industrial e endividamento crônico. Em seu discurso no Texas, resumiu: “Estamos sangrando há décadas. Agora, finalmente, estamos curando a ferida.”

A retomada da soberania monetária, o resgate da indústria nacional e a reordenação das relações comerciais são passos firmes em direção a um futuro onde os Estados Unidos liderem não apenas pelo consumo, mas pela produção, pela inovação e pela força de sua autonomia econômica.

de rota nas exportações

O Brasil, como economia altamente ligada à China, sofre impactos diretos. A queda da demanda chinesa por

CALVÍCIE NUNCA MAIS!

ANTES



PRÓTESE CAPILAR MASCULINA



DEPOIS



MARCIO SOUZA
HAIR STYLE

@marciosouzahair

WhatsApp +1 (754) 210-4432